



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
PERNAMBUCO**
CURSO SUPERIOR TECNOLÓGICO EM GESTÃO DE TURISMO

DIONÊZE CASSIMIRO DOS SANTOS

**O ARTESANATO COMO PATRIMÔNIO TURÍSTICO E CULTURAL:
valorização e desenvolvimento econômico na cidade pernambucana de São
Vicente Férrer**

Recife
2022

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
PERNAMBUCO

Coordenação Acadêmica de Turismo – CATU

Curso Tecnológico em Gestão de Turismo

DIONÊZE CASSIMIRO DOS SANTOS

**O ARTESANATO COMO PATRIMÔNIO TURÍSTICO E CULTURAL:
valorização e desenvolvimento econômico na cidade pernambucana de São**

Vicente Férrer

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação Acadêmica do Curso de Turismo do
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do
título de Tecnóloga em Gestão de Turismo.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia da Silva Santos Sansil.

Recife

2022

Ficha elaborada pela bibliotecária Maria do Perpétuo Socorro Cavalcante Fernandes CRB4/1666

S237a
2022

Santos, Dionêze Cassimiro dos

O artesanato como patrimônio turístico e cultural : valorização e desenvolvimento econômico na cidade pernambucana de São Vicente Férrer. --- Recife: O autor, 2022. 55f. il. Color.

TCC (Curso Superior Tecnológico em Gestão de Turismo) – Instituto Federal de Pernambuco, Departamento Acadêmico de Cursos Superiores. - DACS, 2022

Inclui Referências, anexo e apêndices.

Orientadora: Dra. Cláudia da Silva Santos Sansil.

1. Turismo. 2. Artesanato . 3. Produto turísticos . 4. Empoderamento feminino. Vicente Ferer. I. Título. II. Sansil, Cláudia da Silva Santos(orientadora). III. Instituto Federal de Pernambuco.

CDD 338.4791(21ed.)

DIONÊZE CASSIMIRO DOS SANTOS

O ARTESANATO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: valorização e desenvolvimento econômico na cidade pernambucana de São Vicente Férrer

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação Acadêmica do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Tecnóloga em Gestão em Turismo.

Recife, 21 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cláudia da Silva Santos Sansil
(Presidente da Banca/Orientadora)

Proa. Ma. Flávia Viviana Cavalcanti Gonçalves
(Avaliadora Interna)

Profa. Ma. Solange Tavares de Melo
(Avaliadora Externa)

Recife
2022

DEDICATÓRIA

Ao fruto do meu amor e de Rodolfo, nosso filho Lorenzo, uma “produção” cheia de afeto!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e me permitir chegar até aqui. Por todas as vezes que Ele me deu forças para continuar e seguir em frente.

Agradeço aos meus pais, por todo esforço e investimento na minha educação. Em especial a minha tia Ozélia e minhas primas Adjamita e Albanita, que durante um período de minha vida me acolheram e foram mães para mim, sendo as responsáveis por me guiar e ajudar a trilhar os melhores caminhos.

Agradeço ao meu esposo, Rodolfo, por sempre mostrar-se presente e partilhar toda essa caminhada comigo, sendo apoio e abrigo.

Agradeço ao meu filho, Lorenzo, por tornar meus dias mais leves e despertar o desejo de ser referência e orgulho para ele. Assim como, ao meu anjinho, Samuel, que mesmo não se fazendo presente fisicamente, sei que está cuidando de mim.

Agradeço à minha orientadora e professora, Cláudia Sansil, que me guiou e conduziu durante todo esse percurso. Não ficando apenas na esfera profissional, mas exercendo um papel fundamental em minha vida, tornando-se inspiração e exemplo a ser seguido.

Agradeço aos professores por todas as contribuições e dedicações que colaboraram para minha formação. Agradecimento em especial à professora Edvânea Maria, por suas aulas de português e através delas ter despertado o desejo de conhecer melhor e iniciar um projeto de intervenção sobre o município de São Vicente Férrer. Como consequência dessas aulas, resolvi não desistir do curso, já que não estava me adaptando ao novo ambiente e rotina.

Agradeço as artesãs da Microempresa Fio e Renda pela disponibilidade de sempre.

Agradeço à Banca pelas contribuições que enriquecerão meu TCC.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo apresentar possibilidades de incrementar o turismo na cidade de São Vicente Férrer, no Interior de Pernambuco, a partir de uma intervenção na localidade com vistas à valorização do artesanato enquanto produto turístico. A pesquisa é de cunho qualitativo e usei os seguintes instrumentos metodológicos: diário de bordo, entrevista com as artesãs do município e pesquisa documental. Na consecução de atingir os objetivos, tais como a promoção do município, apliquei questionário com a comunidade porque minha hipótese é a de que não existe a devida valorização desse produto característico da Região pela população local. Para dar sustentação teórica ao estudo, busquei os seguintes autores: Biroli, Butler, Ruschmann, Viganó, entre outros, que foram importantíssimos na elaboração deste trabalho. Como resultados, identifiquei as potencialidades a serem exploradas, a partir do artesanato local, a necessidade de os próprios munícipes valorizarem esse importante atrativo, a ausência de políticas públicas nos níveis municipal e estadual destinadas ao turismo na localidade, assim como o empoderamento coletivo das mulheres quando estão unidas.

Palavras-chave: Artesanato. Mulheres. Produto Turístico. Empoderamento Feminino.

RESUMEM

Este Trabajo de Finalización de Curso tiene como objetivo presentar posibilidades para aumentar el turismo en la ciudad de São Vicente Férrer, en el interior de Pernambuco, a partir de una intervención en la localidad con el objetivo de valorizar la artesanía como producto turístico. La investigación es cualitativa y utilicé los siguientes instrumentos metodológicos: bitácora, entrevista a artesanos de la ciudad e investigación documental. Para lograr los objetivos, como la promoción del municipio, apliqué un cuestionario con la comunidad porque mi hipótesis es que no existe la debida valoración de este producto característico de la Región por parte de la población local. Para dar sustento teórico al estudio busqué a los siguientes autores: Biroli, Butler, Ruschmann, Viganó, entre otros, quienes fueron muy importantes en la elaboración de este trabajo. Como resultado se identificó el potencial a explorar, a partir de la artesanía local, la necesidad de que los propios ciudadanos valoren este importante atractivo, la ausencia de políticas públicas a nivel municipal y estatal dirigidas al turismo en la localidad, así como el colectivo empoderamiento de las mujeres cuando se unen.

Palabras clave: Artesanía. Desarrollo. Producto Turístico. Empoderamiento Femenino.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fachada da cooperativa	40
Figura 2 – Papel artesanal produzido com a fibra de bananeira	41
Figura 3 – Artesãs produzindo tapetes	41
Figura 4 – Abajur revestido com a fibra de bananeira	42
Figura 5 – Loja onde os produtos ficam expostos	43
Figura 6 – Espaço Marinês	44
Figura 7 – Artesã Nery participando da XXIII Festa da Banana	45
Figura 8 – Guirlanda natalina	46
Figura 9 – Árvore natalina	47

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 – Você mora em São Vicente Férrer	22
Gráfico 2 – Qual sua faixa etária	22
Gráfico 3 – Identidade de gênero	23
Gráfico 4 – Você conhece a Microempresa Fio e Renda	24
Gráfico 5 – Se sim, quantas vezes já visitou?	24
Gráfico 6 – Se não, qual o motivo?	25
Gráfico 7 – Você conhece alguma artesã que trabalha com a fibra de bananeira?	26
Gráfico 8 – Você tem interesse em conhecer o artesanato produzido através da fibra de bananeira?	26
Gráfico 9 – Você sente falta de um calendário de eventos culturais em São Vicente Férrer?	27

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CATU - Coordenação Acadêmica de Turismo

DACS - Departamento Acadêmico dos Cursos Superiores

CODESF - Cooperativa para o Desenvolvimento Sustentável de São Vicente Férrer

COVID - Doença do coronavírus

CNPJ - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias

FENEARTE - Feira Nacional de Negócios e Artesanato

H3N2 - Vírus da Influenza A Subtipo H3N2

IBEVAR - Instituto Brasileiro de Executivos de Varejo

IFPE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MEI - Microempreendedor Individual

Mtur - Ministério do Turismo

PE - Estado de Pernambuco

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SP - Estado de São Paulo

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS	17
3 ATRAÇÕES TURÍSTICAS DE SÃO VICENTE FÉRRER	18
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
4.1 Análise documental	20
4.2 Entrevistas	20
4.3 Questionário com a comunidade de São Vicente Ferrer em relação a microempresa Fio e Renda	21
4.4 Diário de bordo	27
5 MULHERES DA PALHA	
Erro! Indicador não definido.	
5.1 As relações rurais	32
6 O ARTESANATO COMO PRODUTO TURÍSTICO	33
6.1 A transição de cooperativa para microempresa	37
6.1.1 <i>O que são as cooperativas</i>	37
6.1.2 <i>O que são microempresas</i>	37
6.1.3 <i>Por que a mudança</i>	37
7 PROPOSTAS PARA O ARTESANATO COMO PRODUTO TURÍSTICO	38
7.1 Exposição Virtual	38
7.2 O crescimento de eventos virtuais na pandemia	38
8 TRANÇANDO AS CONSIDERAÇÕES	48
REFERENCIAS	49
APÊNDICE A	52
APÊNDICE B	55

1 INTRODUÇÃO

O artesanato é uma atividade que expressa a identidade cultural de um povo e este, além de possuir um valor histórico cultural, pode se tornar atrativo turístico. Muitas vezes, constitui-se como a demonstração de identidade da população local. O Turismo pode se beneficiar do artesanato, através da curiosidade das pessoas em saber como acontece a sua produção e os meios utilizados para a sua materialização, desde a matéria prima até a comercialização do artesanato como produto turístico. Por isso, o objeto de estudo: o artesanato com o produto turístico e dimensão do empoderamento das mulheres visa estimular o desenvolvimento local.

Nesse sentido, o projeto de intervenção: “O artesanato como patrimônio turístico e cultural: valorização e desenvolvimento econômico na cidade pernambucana de São Vicente Férrer” visa estimular a economia criativa local e valorizar a cultura, gerando renda e resgate das tradições do povo vicentino. Além de incentivar o empoderamento das mulheres artesãs, pois uma das minhas hipóteses é a de que faltam reconhecimento e valorização dos munícipes sobre a importância do artesanato à localidade.

A Cooperativa “Fio e Renda” de São Vicente Férrer - PE compõe a identidade da cidade, sendo o artesanato produzido, com a fibra de bananeira, a principal característica do município. No entanto, as artesãs alegam não ter reconhecimento pela população ou gestão pública da cidade. A prática artesanal na cidade surgiu no ano de 2001, e somente em 2008, com a união das mulheres, tornou-se uma Cooperativa, através da Cooperativa para o Desenvolvimento Sustentável de São Vicente Férrer – CODESF.

Localizada no interior do Estado de Pernambuco, a cidade de São Vicente Férrer fica a 116 km de distância da capital Recife e está situada na Mesorregião do Agreste. Segundo a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias – EMBRAPA (2015), o município é um dos maiores produtores do cultivo da bananeira do estado de Pernambuco e tem como fonte fundamental a agricultura, atividade que sustenta a economia local. Em média são colhidas 9 toneladas da fruta por ano.

A cidade é reconhecida como a terra da banana, por ser uma grande produtora

desse fruto. Além do comércio frutífero, é possível extrair do tronco da planta a fibra que não está sendo mais útil, uma matéria prima utilizada na produção do artesanato. Assim, através desse projeto de intervenção, buscarei oferecer estratégias com vistas a movimentar a economia, estimular a autoestima das artesãs e, conseqüentemente, de outros habitantes e ampliar o reconhecimento da cidade como um polo cultural, por meio do artesanato. No município, havia a Cooperativa “Fio e Renda”, única responsável pela produção artesanal com a fibra de bananeira. A extração dessa matéria prima é feita de modo sustentável, retirando o material do caule que não tem aproveitamento após o corte. Desta forma, há uma questão também da produção ser realizada de maneira sustentável, aproveitando-se toda a planta da bananeira. Trata-se, portanto, de uma prática que não agride o meio ambiente. Durante a realização do TCC, a Cooperativa foi transformada em microempresa. Sobre essa transformação, ampliarei a discussão mais adiante.

Quando existia a Cooperativa, as produções resultantes eram bolsas, roupas, colares, porta-joias, entre outros. As artesãs vendiam seus produtos na própria localidade, ou em feiras como a Feira Nacional de Negócios e Artesanato - FENEARTE, em Pernambuco e Mãos de Minas, na cidade de Belo Horizonte. Além do Centro de Artesanatos do Marco Zero, no município de Recife. As mulheres também sofreram com o impacto nas vendas devido à pandemia da COVID-19 – Doença do coronavírus, elas tiveram que parar a produção em consequência da alta contaminação pelo vírus. Em São Vicente Férrer, houve 38 mortes e 2.396 casos de contaminação pelo novo coronavírus até o mês de novembro do ano de 2022.

No momento em que a indústria do Turismo, em nível global e local, começou a dar sinais de recuperação, o mundo passou a conviver, no início do mês de janeiro do ano de 2022, com os altos índices de contaminação da variante Ômicron da COVID-19, e a endemia da influenza H3N2. No estado, foram mais de 6.392 infectados com a gripe e 38 mortes. Felizmente, a FENEARTE ocorreu antes da explosão dos casos, pois impactaria diretamente na redução da já pequena renda das artesãs.

O município vicentino tem um grande potencial para o desenvolvimento do turismo, principalmente o cultural, por meio da produção do artesanato da fibra de bananeira, e as outras atrações da terra. Por ser um dos produtores deste tipo de

artesanato do Estado de Pernambuco, torna-se um produto diferenciado e de grande atratividade aos turistas, destacadamente de outras regiões, até internacionais e aos visitantes. Toda essa produção ganha a potência de ser produzida, exclusivamente, por mulheres. A força do gênero influencia o artesanato e o artesanato empodera as artesãs, essas mulheres da palha!

Segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE – SP (2011), os atrativos turísticos constituem a oferta turística diferencial de uma determinada região, pois são responsáveis por promover os fluxos locais. Partindo dessa definição, podemos citar o artesanato como um integrante dos produtos a disposição do cliente e uma prática que se destaca no âmbito do turismo cultural.

Barreto (2007) apud Smith (1989, p. 5) lembra a definição: “(...) conhecer lugares pitorescos com ‘cor local’, comer ‘comida típicas’ e ver manifestações folclóricas; histórico, que glorifica o passado mediante a visita a museus e catedrais.” Trata-se, portanto, de uma definição para a qual foram incorporadas novas dimensões ao se conceituar turismo cultural. Desta maneira, elegi a definição de Marujo (2015, p. 2) ao afirmar que turismo cultural se constitui em: “(...) a base para atrair turistas ou a motivação para muitos turistas e/ou visitantes culturais viajarem.”

A não valorização do artesanato como patrimônio, dificulta na divulgação de todo o acervo vicentino. Além da falta de investimentos dos órgãos públicos, desestimulando as artesãs na busca por empreendimentos e melhor visibilidade da cultura da cidade, investindo em outras alternativas que possam gerar lucros ao sustento familiar. A fim de que o visitante valorize a sua cultura e artesanato, é preciso que a própria população a avalie e reconheçam-na como patrimônio.

Conforme Cascudo (2002) apud Sousa et al (2014, p. 141), se explorado comercialmente, o artesanato é capaz de contribuir ao desenvolvimento econômico regional. Nesse mesmo contexto Sant’Ana e Ricci (2009, p. 98) apontam: para muitos artesãos a produção artesanal é um meio à sobrevivência dos mesmos. Dessa maneira, o artesanato, quando explorado como recurso turístico, gera benefício aos artesãos, dentre eles o econômico e o reconhecimento pelo seu trabalho. Consequentemente, melhorando a autoestima e a valorização do fazer laboral. Em se tratando das mulheres vicentinas, sobretudo, proporciona empoderamento de gênero.

Na concepção das artesãs, a partir de narrativas feitas em conversas informais, pois frequento a cooperativa desde 2016, a falta de reconhecimento e, conseqüentemente, retorno financeiro torna-se uma barreira, pois, as mulheres buscam o sustento a partir da comercialização do artesanato. Por isso, observei a necessidade de implantar um projeto de intervenção na cidade de São Vicente Férrer, interior de Pernambuco, que possui grande potencial de recursos naturais e culturais, podendo gerar renda e desenvolver o setor turístico local como atividade econômica.

Sendo a prática artesanal um fomento para o turismo, o crescimento do fluxo de turistas traria uma maior necessidade na melhoria da infraestrutura para receber o turista/visitante, de maneira que se sintam acolhidos e repassem uma boa imagem da cidade e de seus atrativos culturais, com foco no artesanato. Neste processo, essa melhoria seria benéfica a ambas à tríade: turistas/visitantes e moradores.

Assim, entendo que a cidade esteja preparada ao turismo pós-pandemia e que as instâncias públicas possam implantar este projeto com vistas a contribuir com o desenvolvimento da minha cidade natal.

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

- Fomentar e promover o artesanato produzido pelas mulheres, da cidade de São Vicente Férrer, como produto turístico.

Objetivos específicos

- Estimular a valorização das artesãs, o desenvolvimento da economia local e o empoderamento das mulheres;
- Apresentar o TCC à Prefeitura objetivando fomentar a elaboração de plano de ação e de marketing para a empresa “Fio e Renda”; buscando parcerias com o IFPE e outras IES.
- Promover uma exposição virtual para divulgar e comercializar as peças produzidas pelas artesãs vicentinas com o auxílio dos estudantes de Turismo do IFPE.

Para facilitar a visualização das minhas hipóteses, as destaco também neste espaço:

1^a. Faltam reconhecimento e valorização dos munícipes sobre a importância do artesanato à localidade.

2^a. A ausência de adesão de mulheres mais jovens à arte do artesanato se deve ao desinteresse pelo ofício e desvalorização desta profissão.

3 AS ATRAÇÕES TURÍSTICAS DE SÃO VICENTE FÉRRER

A cidade de São Vicente Férrer fica localizada no interior do Estado de Pernambuco, o povoado do município surgiu a partir de uma feira livre criada à sombra de uma grande árvore, esse movimento tinha como intuito a comercialização de produtos agrícolas. Algumas outras feiras foram surgindo, ao longo dos anos, e tais espaços podem ser usados como produto turísticos, pois comercializam produtos específicos para além do nosso artesanato.

O município vicentino conta com alguns atrativos turísticos além do artesanato produzido através da fibra de bananeira. A Mata do Estado está localizada em São Vicente Férrer e abriga uma grande biodiversidade de plantas e animais, sendo a maior remanescente de Floresta Ombrófila Montana de Pernambuco. Essa rica biodiversidade pode ser explorada pelo turismo rural. Nesse tipo de turismo, por exemplo, as crianças adoram fazer contato com a natureza e mais ainda com os animais, a maioria vive confinada em apartamentos, e quando têm a oportunidade de conhecer esses espaços ficam muito felizes. Geralmente, pedem aos pais ou responsáveis para retornar. A biodiversidade pode, ainda, atrair professores com o intuito de realizarem o turismo pedagógico. Nele, os educandos poderão explorar, no campo, toda essa riqueza e comparar com os conteúdos vistos em sala de aula, assim como nos livros de Ciências Biológicas.

Há, também, a igreja Matriz de São Vicente Férrer, fundada desde o ano 1878, quando ainda era uma capela. Situada no topo de uma ladeira dando ainda mais destaque à sua construção. O Santo Padroeiro da cidade é São Vicente Férrer e atrai visitantes de outras localidades às procissões realizadas, além das visitas espontâneas. É um atrativo que pode ser melhor divulgado e explorado durante todo o ano. No município vicentino, há a Serra das Mascarenhas ou Alto do Cruzeiro, como é popularmente conhecido, onde é possível ter uma visão de toda a cidade por ser um dos pontos mais altos do Estado de Pernambuco, com altura de 670,10 metros acima do nível do mar. Sendo também um ponto de paisagens naturais que contam com a presença de uma bica e o açude responsável pelo abastecimento de água para a população local.

Em decorrência ao grande cultivo de banana na localidade, normalmente, na

última semana do mês de novembro é promovida a “Festa da Banana” com duração de 3 dias, iniciando sempre em uma sexta-feira até o dia de domingo. A festividade conta com algumas atrações peculiares que chamam atenção, a exemplo do maior comedor de banana e a corrida de costas.

Como se percebe, há muitas opções com vistas a atrair turistas e visitantes à cidade. Segundo Veloso (2003, p. 5), os atrativos turísticos de um local “constituem o componente principal e mais importante do produto turístico, pois determinam a seleção, por parte do turista, do local de destino de uma viagem, ou seja, geram uma corrente turística até a localidade”. Nesse sentido, o artesanato torna-se uma valiosa opção em se trabalhar, também, a economia criativa. Para efeito deste estudo, compreendo economia criativa como aquela em que há a valorização do simples e inovador, usando a criatividade como ponto central para definir os valores dos seus produtos.

O Governo do Estado de Pernambuco, através da Secretaria de Turismo e Lazer e da Empetur, anunciou em fevereiro de 2022 o Plano Estratégico para o Turismo de Aventura e uma formação para o segmento de turismo criativo. Essa ação tem como objetivo desenvolver serviços e mão de obra qualificada. Dentre 28 cidades selecionadas, São Vicente Férrer sendo uma delas, participou da formação em turismo criativo.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na consecução deste estudo, lancei mão de alguns instrumentos metodológicos que melhor poderiam dar suporte à realização do projeto de intervenção. Neste sentido, é relevante lembrar que esta é uma proposta que tem como objetivo intervir na localidade, buscando a valorização e conscientização da população quanto ao trabalho produzido pela “Fio e Renda”. A partir desta parte do trabalho, passarei a chamá-la de Microempresa e explicarei, mais adiante, os motivos desta mudança.

4.1 Análise Documental

Para a realização da análise documental, estudei alguns documentos tais como: Lei n. 7.256 da Constituição das Microempresas, as Leis como as de n. 8.864 e 9.317 que abordam um tratamento diferenciado e favorecido às microempresas. A respeito dessas legislações, amplio o olhar no Capítulo 4.

Com estas análises, pude perceber que o estatuto das microempresas passou por algumas mudanças ao longo dos anos. No entanto, a Lei n. 9.317 foi uma de suas maiores conquistas, chamada de Lei do Simples que apresenta como uma de suas principais características diminuir a carga tributária.

Avaliei a participação da microempresa Fio e Renda, na Feira Nacional de Negócios e Artesanato - FENEARTE, que aconteceu no dia 06 a 17 de julho do ano de 2022. Neste grande evento do artesanato, apliquei questionários em relação à demanda da produção e as vendas pós-pandemia. Foram observadas as produções para a XXIII Festa da Banana, que aconteceu nos dias 25, 26 e 27 de novembro de 2022 na cidade de São Vicente Férrer. Os resultados estão a seguir no item 4.3.

4.2 Entrevistas

Executei pesquisas de campo (virtual) com a população vicentina, tendo como finalidade obter respostas em relação aos motivos que levam a não valorização do artesanato pela comunidade local.

Campanhola & Graziano (2000, p. 17) discorrem sobre a capacidade de alguns produtos locais e regionais que compõem grandes oportunidades de negócios, constituindo obras de grande valor e com características específicas. “Cada área ou

região é capaz de competir melhor se ela estiver apta para integrar os conhecimentos e capacidades locais, historicamente, acumulados com informações e trocas junto a mercados não locais.”

Compreende-se que a microempresa “Fio e Renda” tem um diferencial quanto à produção do artesanato da fibra de bananeira, pois, trata-se de um produto que traz características locais, podendo também competir mercadologicamente por meio de seu potencial sustentável.

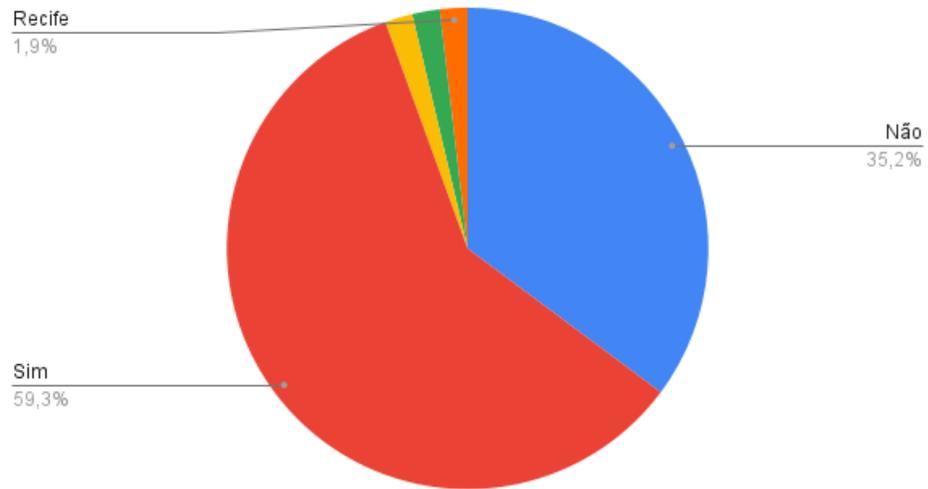
4.3 Questionário com a comunidade de São Vicente Férrer em relação à microempresa Fio e Renda

Visando obter respostas em relação a não valorização das artesãs pela própria comunidade, assim como a falta de interesse pelo artesanato produzido pela “Fio e Renda”, busquei entender os possíveis motivos e melhor conhecer os perfis dos moradores da cidade vicentina. Para isso, foi aplicado um questionário com 10 perguntas, voltado para a comunidade de São Vicente Férrer.

Houve uma boa participação da população, pode-se notar ao observar as porcentagens de respostas. Assim, 59,3% disseram que são moradores do município. No entanto, apesar da maioria ser da cidade não há a valorização e reconhecimento do produto local, confirmando a minha hipótese desde a concepção deste TCC.

A partir das respostas obtidas no questionário, é possível conhecer o perfil e entender as razões pelas quais os habitantes não têm contato com a “Fio e Renda”, e tampouco consomem seus produtos. No que diz respeito a localização dos(as) participantes, a maioria (59,3%) respondeu que são residentes de São Vicente Férrer, enquanto 40,7% são de outros municípios do Estado de Pernambuco. Esse dado é de suma importância, uma vez que este TCC é uma proposta de intervenção e tem como finalidade interferir na localidade, buscando promover o turismo através do artesanato produzido pela fibra de bananeira. Dentre as participações de pessoas de outras cidades, foram citadas: Timbaúba e Recife.

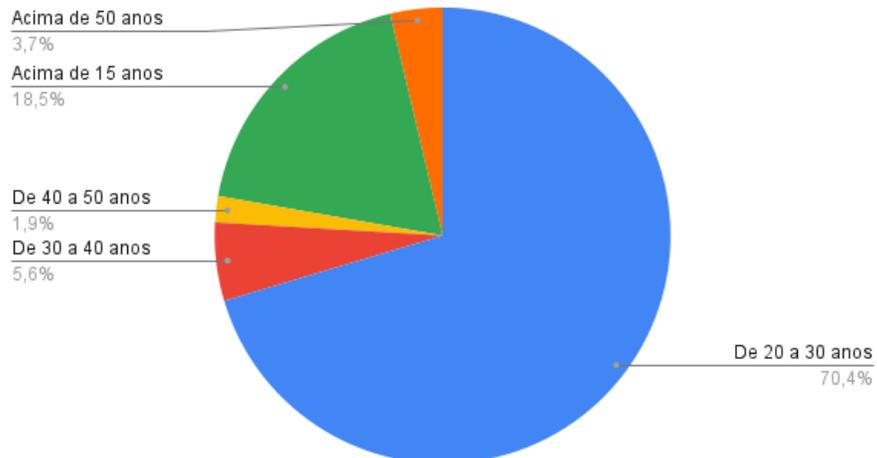
Você mora em São Vicente Férrer?



Fonte: A autora (2022)

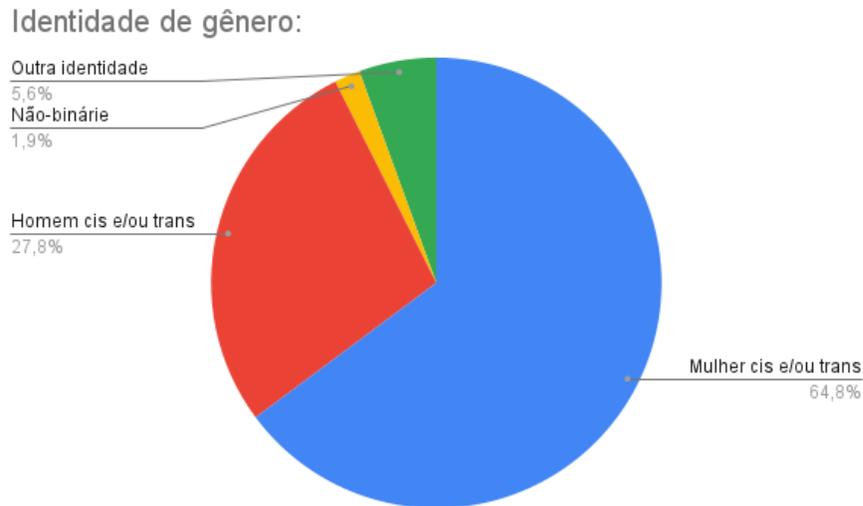
Ao analisar a faixa etária dos(as) participantes, a grande maioria (70,4%) possui de 20 a 30 anos; em seguida, acima de 15 anos foram 18,5%. A menor porcentagem dos(as) respondentes (1,9%) possui de 40 a 50 anos. A partir destes dados, é possível observar uma grande participação da população dos adultos jovens.

Qual sua faixa etária?



Fonte: A autora (2022)

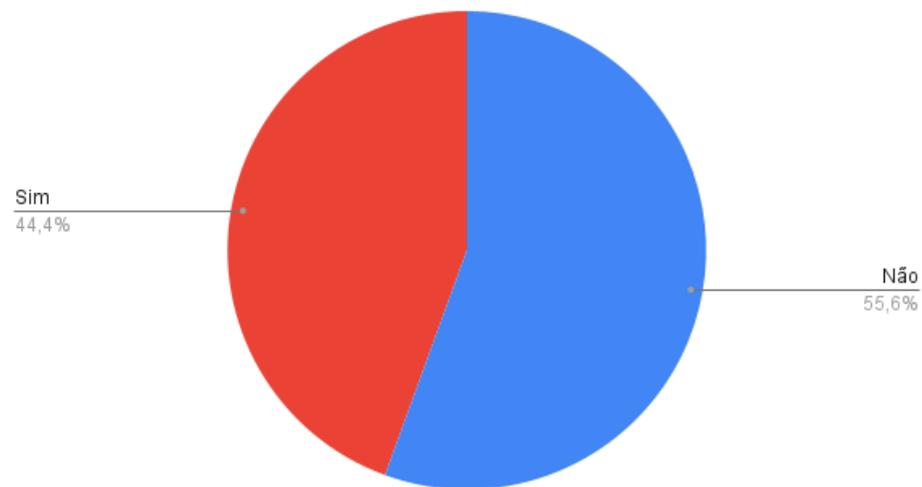
As mulheres cis e/ou trans obtiveram o primeiro lugar nesta pesquisa, somando as maiores participações: 64,8%. Em seguida, os homens cis e/ou trans alcançaram um percentual de 27,8%, ficando em terceiro lugar (5,6%) as pessoas que se definem com outra identidade de gênero e por último (1,9%) participantes não-bináriae.



Fonte: A autora (2022)

Ao indagar se a comunidade conhecia a Microempresa Fio e Renda, 55,6% dos entrevistados disseram que não e 44,4% afirmaram conhecer. Estes dados reforçam a minha hipótese, ou seja, a população de São Vicente Férrer, ainda, não tem o sentimento de pertencimento quanto ao artesanato produzido na cidade.

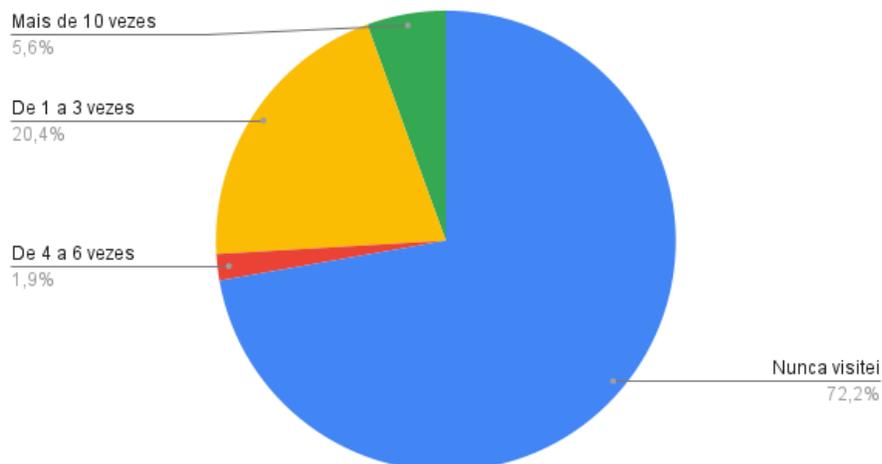
Você conhece a Microempresa Fio e Renda?



Fonte: A autora (2022)

Ao ser questionado(a) se já havia visitado a microempresa e quantas vezes? A grande maioria (72,2%) disse nunca ter frequentado a MEI. Em seguida, 20,4% afirmaram ter visitado de 1 a 3 vezes. Na terceira posição 5,6% foram mais de 10 vezes. Por último, apenas 1,9% visitou de 4 a 6 vezes. Estes resultados mostram a falta de incentivo em relação ao setor cultural e, conseqüentemente, a prática artesanal a partir da fibra de bananeira.

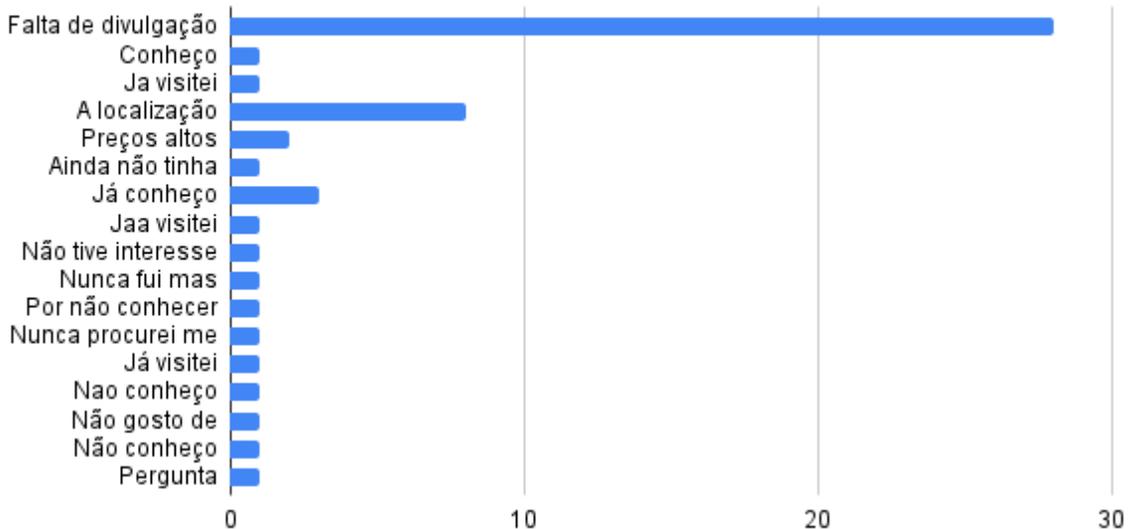
Se sim, quantas vezes já visitou?



Fonte: A autora (2022)

Buscando compreender as razões pelas quais quem nunca visitou ou sequer sabe sobre a existência da Microempresa “Fio e Renda, 51,9% alegaram ser por falta de divulgação. Seguidos de 14,8% que relataram ser a localização, além de terem citados preços altos, não haver interesse e não gostar de artesanato.

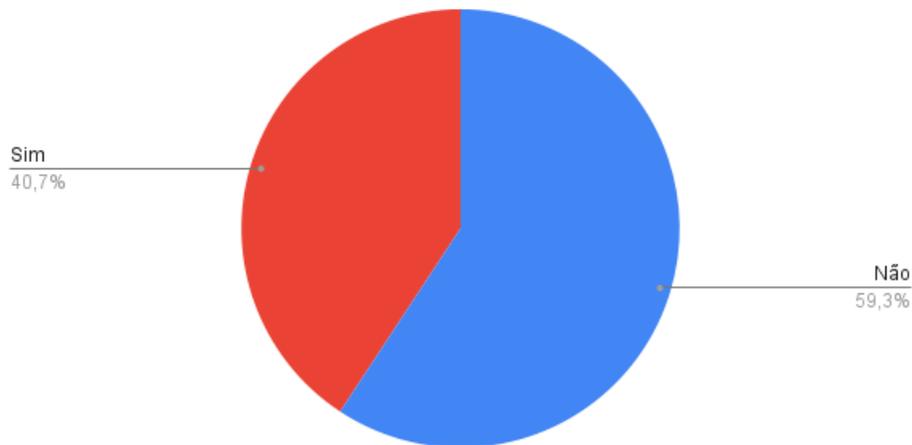
Se não, qual o motivo?



Fonte: A autora (2022)

Na pesquisa, no que diz respeito a conhecer alguma artesã trabalhadora da fibra de bananeira, 59,3% relataram não ter conhecimento e 40,7% disseram que sim. Esses dados mostram uma certa “invisibilidade” da artesã vicentina, que além da falta de investimento é preciso lidar com a falta de valorização do trabalho executado, e de perceber como o artesanato, em havendo incentivos, pode ser o grande produto turístico da localidade.

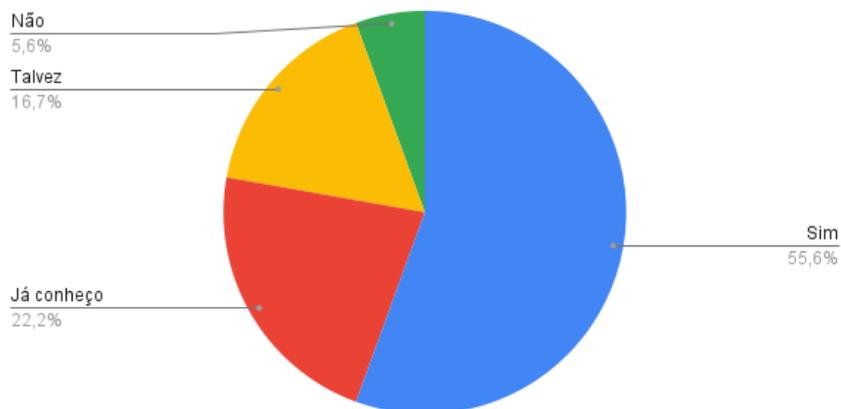
Você conhece alguma artesã que trabalha com a fibra de bananeira?



Fonte: A autora (2022)

A fim de saber se os(as) participantes que, ainda não visitaram a microempresa Fio e Renda, teriam interesse em conhecer o artesanato, para minha felicidade, 55,6% afirmaram que sim. Outros 22,2% disseram já visitar; enquanto 16,7% responderam talvez e, apenas, 5,6% não. Este dado é de grande valia, pois demonstra o interesse dos moradores vicentinos em apreciar o artesanato produzido na cidade, melhorando a divulgação do espaço e incentivando as pessoas desinteressadas a mudar de ideia quanto à aquisição deste produto cultural.

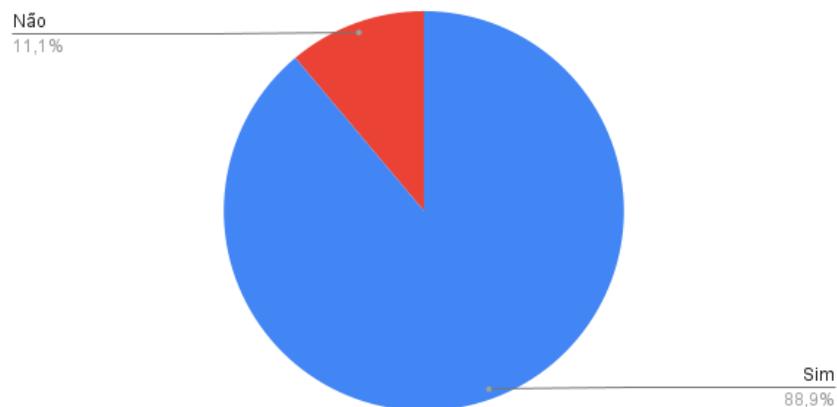
Você tem interesse em conhecer o artesanato produzido através da fibra de bananeira?



Fonte: A autora (2022)

Por fim, questionei sobre a necessidade de um calendário cultural em São Vicente Férrer, com base nas respostas, a maioria (88,9%) disse que sente falta. Apenas 11,1% relataram não sentir falta. A partir de um calendário cultural da cidade, seria possível conhecer melhor os espaços culturais do município e, conseqüentemente, a Fio e Renda. Além de estimular o reconhecimento e empoderamento das artesãs.

Você sente falta de um calendário de eventos culturais em São Vicente Férrer?



Fonte: A autora (2022)

4.4 Diário de Bordo

2014: Assim como é necessário o plantio da bananeira, houve o primeiro contato entre mim e a Cooperativa Fio e Renda. Movida pela busca de objetos que identificassem a minha cidade natal, encontrei produtos feitos a partir da fibra de bananeira. Lembro-me como se fosse hoje, não sabia como era produzido, apenas que precisava levá-los para a família que seria minha anfitriã durante o intercâmbio no Canadá. Ao chegar lá, eles ficaram encantados com o artesanato, porém, não consegui oferecer mais detalhes quanto as artesãs e o Fio e Renda, pelo simples fato de não conhecer o local.

2016: Através de um projeto solicitado aos alunos para que pudesse compor a nota da disciplina de Português, surgiu a ideia de falar sobre a até então Cooperativa Fio e Renda. A partir dessa pesquisa, consegui compreender melhor, valorizar e senti a

necessidade de mostrar a outras pessoas que as artesãs merecem nosso respeito, assim como, o artesanato da fibra de bananeira é nosso, é uma identidade da cidade de São Vicente Férrer. A plantação estava dando frutos, a banana, e posteriormente poderia ser usado o caule para a produção do artesanato com a fibra.

2017: Meu envolvimento com a cooperativa estava cada vez maior. O grupo de mulheres que no início de suas atividades era composto por inúmeras pessoas, tornou-se em apenas 4 artesãs. Esse baixo número de membros para produzir, acarretava em uma diminuição de produtos disponíveis, assim como, um desgaste emocional e físico maior. A Cooperativa Fio e Renda não tinha apoio das entidades responsáveis pela gestão da cidade, seja financeiro ou até mesmo na divulgação do espaço. Como assim, não interessava aos responsáveis uma possível geração de renda e consequentemente de empregos para a população? o tronco estava pronto para a realização do corte.

2021: Após uma pausa em minhas pesquisas, no entanto, sempre acompanhando as artesãs e a Microempresa “Fio e Renda” que passou de cooperativa para MEI. As mulheres encaravam alguns problemas pós pandemia, ainda sem pessoas para produzir, os desafios de recolher os troncos para a produção, porém, a esperança por dias melhores estava presente. Em julho de 2021, em uma das minhas visitas, fui informada que uma artesã estava em Recife - PE, trabalhando como empregada doméstica, pois, as vendas da microempresa ainda não eram suficientes para garantir o sustento dessas pessoas. No entanto, o relato de uma de suas falas me chamou atenção “assim que entrar qualquer dinheiro, eu volto”, para mim, ficou evidente o amor pela profissão, contudo, a necessidade financeira a obrigou o deslocamento.

Dia 28 de janeiro de 2022, entrei em contato com a microempresa Fio e Renda através da rede social Instagram, visando uma roda de conversas entre mim e as artesãs para compreender melhor os processos atuais que a MEI se encontrava. Recebi um retorno da coordenadora e artesã, que ficaria de dar uma resposta quanto a disponibilidade do grupo todo. Aguardei, porém, sem sucesso.

Resolvi enviar novamente outra mensagem, dia 03 de fevereiro, falando sobre a roda de conversas, dessa vez sugeri ser de forma virtual e também com a participação da minha orientadora Cláudia Sansil. Esse momento teria como objetivo explicar de maneira mais clara sobre meu projeto para todas as artesãs, assim como, um curso

gratuito de qualificação de microempreendedor individual que estava sendo ofertado pelo *Campus* Jaboatão do IFPE. A coordenadora relatou que algumas mulheres do grupo haviam sido diagnosticadas com COVID-19, e encontravam-se em isolamento, sugeriu que esse encontro virtual fosse realizado após o retorno das artesãs. Isso porque nem todas saberiam usar o aplicativo e, em havendo uma melhora, eu seria avisada para realizar o encontro. Mais uma vez, não recebi respostas.

Dia 27/10/2022, estive na sede da microempresa Fio e Renda, com a finalidade de observar como estavam as produções voltadas a XXII Festa da Banana na cidade, tirar algumas dúvidas sobre o funcionamento da microempresa e também capturar imagens do local e dos produtos. Fui recepcionada pelas artesãs Marluce, Márcia e Nery, que foram muito solícitas, expondo alguns artesanatos. Esses seriam confeccionados para o próximo evento, assim como responderam às perguntas feitas por mim.

5 MULHERES DA PALHA

Historicamente, as mulheres eram “condenadas” a permanecer em casa com o objetivo de cuidar das tarefas domésticas e das crianças nascidas do matrimônio, vocação “natural” para nós! Com as várias revoluções vivenciadas pela humanidade, destacadamente a Revolução Industrial e as Guerras, as mulheres ampliaram a participação no mercado, embora em pleno século XXI, permaneçamos recebendo 30% menos do que os homens e enfrentando ainda muitos preconceitos.

Normalmente, as mulheres eram consideradas como trabalho suplementar, ou seja, incorporava-se apenas quando necessária à complementação da renda familiar. Nas últimas décadas, a mulher está cada vez mais sendo inserida no mercado de trabalho. É importante destacar a afirmação de Biroli (2018, p. 43-44) ao se referir às desigualdades promovidas por questões de gênero: “[...]as diferenças se definem na forma de privilégios e desvantagens[...]” a divisão sexual do trabalho apresenta-se como variável específica (ainda que não independente), determinante para a compreensão de como se organiza as hierarquias de gênero.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2009), a atuação feminina é mais decorrente nas áreas rurais. No campo, há uma distinção menor quanto ao trabalho produtivo e reprodutivo, “[...]as mulheres que respondem pelas tarefas domésticas, muitas vezes, também se dedicam a atividades que geram renda.” (IPEA, 2009, p. 22). Assim, compreendo que a mulher na zona rural normalmente desempenha funções múltiplas: atividades domésticas e atividades geradoras de renda familiar.

As atividades domésticas são “espontaneamente” designadas às mulheres, ocasionando a desigualdade de gênero no ambiente familiar e no setor trabalhista. Durante a pandemia do coronavírus, isso se intensificou porque as mulheres tiveram que aumentar a frequência e a manutenção de limpeza, as crianças passaram o dia inteiro em casa, sendo necessário a supervisão de atividades escolares, assim, como as recomendações quanto à prevenção do vírus.

A Microempresa Fio e Renda, até o mês de dezembro de 2022, é constituída por 8 pessoas, 7 mulheres e 1 homem que atuam na produção do artesanato e na extração

dos troncos da bananeira. Composta por mulheres, em sua maioria das classes populares, é a partir desse trabalho, que obtêm ajuda financeira para o sustento familiar.

Butler (2019, p. 17) acredita que “(...) existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e os objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas constitui o sujeito da representação política.” A arte de produzir artesanato evita que muitas mulheres sejam dominadas, subjugadas ou sofram violência por parte de seus parceiros, uma vez que possuem renda própria. Nesse sentido, é importante lembrar: “A noção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recentes, por seu fracasso em explicar os mecanismos da opressão de gênero nos contextos culturais concernentes” (BUTLER, 2019, p. 21). Mesmo sendo parcos, esses recursos permitem o empoderamento feminino.

Durante muitos anos, as mulheres foram oprimidas e condenadas às tarefas do lar. O poder dos homens, a cultura, as normas e os padrões sociais impediam o crescimento na carreira, fosse nos estudos ou na própria emancipação. Para Butler (2019, p. 63), “na matriz das relações de poder não é uma simples duplicação ou cópia da lei ela mesma, uma repetição uniforme de uma economia masculinista da identidade.” Daí, percebo o quanto é importante a união neste coletivo potente seja no formato de cooperativa ou de microempresa. Compreendo a necessidade em se manter as relações de paridade entre as mulheres na tomada das decisões e na elaboração colaborativa dos planos e projetos futuros.

Essas artesãs não têm renda fixa e buscam, por meio da comercialização do artesanato, a sua independência financeira e sustento familiar. Encontrando em seu percurso inúmeras dificuldades, desde a retirada e coleta dos trocos da bananeira até a não permissão para usar o caule que já não tem serventia para os donos da propriedade.

Na minha investigação, tomando por base Coelho (1989), reflito a respeito da prática cultural realizada pela Cooperativa “Fio e Renda” porque na minha concepção, as “mulheres da palha” reinventam seus universos de cultura, simbólicos, em cujas práticas encontramos mais do que a produção de acessórios e demais bens a serem

comercializados, mas a realização de processos que culminam com a emancipação das mulheres, do empoderamento do trabalho e da valorização da cultura local, que permite o sustento de muitas famílias, assim como projeta São Vicente Férrer no mapa da produção de bens culturais e simbólicos. Além de atrativos turísticos.

Concordo com o autor, pois na antiga Cooperativa “Fio e Renda” observei a mobilização das mulheres e, que, algumas ações resultaram na mudança da então Cooperativa para Microempreendedor Individual – MEI. Diante deste novo cenário, elas alegam possuir maior independência e liberdade enquanto donas de seu próprio negócio. Como expliquei, anteriormente, a conversão em MEI permite algumas vantagens a exemplo de redução de impostos e ampliação da capacidade em conseguir, por exemplo, empréstimos com juros mais baixos praticados no mercado.

5.1 As relações rurais

A propaganda televisiva apresenta uma agricultura “agro é pop”; todavia, não representa a complexidade da agricultura brasileira, tampouco as muitas desigualdades. Há muitas formas sob as quais a agricultura se organiza a partir do trabalho no campo com base no capital. Há produção cuja base é a unidade familiar, em muitas vezes, organizada de maneira artesanal, chegando aos grandes conglomerados do agronegócio. Por outro lado, grande parte dos trabalhadores assalariados são também pequenos produtores de mercadorias e camponeses. Ou seja, muitos exercem função duplicada para sobreviver. Assim,

pequenos agricultores que são obrigados a se assalariarem temporariamente em certas épocas do ano, visto ser impossível garantirem sua sobrevivência apenas com os precários meios de produção que possuem, constituem um dos grupos que mais empregam assalariados na época de pico de atividades do imóvel, geralmente a colheita. (GRAZIANO, 1994 p. 71).

Apesar da afirmação ser de meados dos anos de 1990, permanece atual quando comparamos as formas de produção vivenciadas em pleno século XXI. Isso sem mencionar as péssimas condições de trabalho e baixas remunerações salariais. Assim como as consequências decorrentes da pandemia da COVID-19, desemprego, fome, inflação alta, entre outras decorrências.

6 O ARTESANATO COMO PRODUTO TURÍSTICO

Visando uma maior compreensão a respeito das dimensões abordadas neste trabalho, irei apresentar alguns conceitos fundantes à pesquisa com vistas a ampliar o olhar sobre o objeto de estudo: o artesanato com o produto turístico e dimensão do empoderamento das mulheres. Para compreender as relações estabelecidas entre a força de trabalho das mulheres, os conceitos sobre formas cooperativadas e os fundamentos do Turismo, com enfoque no Turismo Cultural, pois o Artesanato também se constitui em dimensão cultural de um povo, busco articular tais aspectos neste capítulo.

Beni (2006) conceitua atrativo turístico como “todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los”. Desta forma, atuam como elementos responsáveis pelas motivações de visitação. Vem do sociólogo King (1997) a proposta de articular cultura ao particular, a hábitos e a valores de determinado grupo ou associada a uma região. Assim, “parte da ideia de cultura a definição de *bordas*, de limites que indicam quais elementos dela fazem parte e quais lhe são alheios” (KING, 2000, p.66). Na perspectiva de outro autor:

A própria ideia de bordas, tão ligadas ao espaço, é posta em xeque. Diante da diversidade de culturas que se manifestam pelos meios de comunicação – e tendo consciência do número imenso delas não têm acesso a estes meios para se manifestar – notamos que as fronteiras de um mapa cultural contemporâneo seriam temporais, informacionais e tecnológicas, além de espaciais. (DUARTE, 1998, p. 31).

É importante destacar o mencionado por King (1997) sobre a localidade, tanto que utiliza este conceito relacionando-o a grupo ou região e não ao individual. Concordo com tal definição porque observo como a teoria se manifesta na prática na comunidade de artesãs da cidade de São Vicente Férrer, assim como em nossa região. Em seguida, Duarte (1998) afirmava, há 23 anos, a dificuldade de acesso aos meios de comunicação. Naquela época, havia a predominância da televisão, do rádio e uma ascensão da internet, mas sem acesso à maioria. No entanto, no século XXI, as muitas iniciativas de propagação de produtos e serviços com o advento das mídias sociais

tornaram-se mais acessíveis. Todavia, não adianta divulgar sem estratégia, sem planejamento, sem comunicação eficaz. Comunicação compreendida como estratégia de marketing.

Seguindo o campo conceitual, na concepção de Viganó (2006, p.18), "a palavra cultura tem suas raízes no latim *colere* que, entre os romanos significava cultivar, habitar, tomar conta, criar e preservar." Nesse sentido, articulam-se os conceitos de cultura com os de mundo, de produção cultural e de natureza quando evocados os verbos preservar e cuidar. Compreendo, no entanto, não ser possível distinguir as pessoas do mundo e da natureza. Ao observar como as mulheres tecem, fiam a palha e constroem suas peças artesanais é como se estivessem prolongando o próprio corpo nas peças por elas criadas. É uma explosão de criatividade, das sinapses em movimento com arte, o pulsar da vida emaranhando palha e células, dando vida e preservando a técnica manual de maneira tão potente!

De acordo com o Ministério do Turismo – Mtur, o turismo cultural ocorre através da motivação do turista em conhecer e vivenciar os aspectos culturais de determinada localidade. Conforme Pereira (1979), o artesanato pode ser considerado uma prática manual da qual o homem usa para se expressar, manifestando a criatividade espontânea. Essas práticas, perpassam valores e tradições, sendo o artesanato um atrativo turístico.

O turismo cultural é um dos segmentos do mercado turístico, consiste na visita a determinado destino com o objetivo de conhecer a cultura local em sua forma de expressão, como museus, galerias, arquitetura, sítios históricos, o folclore, a gastronomia, o artesanato, a arte, crenças e tradições, festas e outros que caracterizam o modo de ser e de viver de um povo com suas características singulares. (GARCIA & BENATTO, 2005, p. 4).

A prática artesanal pode ser refletida como um produto capaz de criar e fazer a história de um povo, contribuindo para o desenvolvimento sustentável da comunidade, possui um grande potencial para o crescimento do turismo cultural. Notadamente, nos últimos anos, há ainda a preocupação de se produzir mais atentos ao cuidado com a sustentabilidade e o respeito aos costumes locais.

Para o turismo ser sustentável no sentido social e no cultural, ele deve ser desejado pelos habitantes locais e deve ser percebido como benéfico para a maioria da população local, não apenas para a elite. Ele deve proporcionar empregos para os qualificados assim como para os sem qualificação e gerar oportunidades para avanços sociais e econômicos. (SWARBROOKE, 2000, p. 128).

O artesanato é um produto turístico e muitas vezes serve como o principal atrativo da localidade. Portanto, deve ser explorado de forma consciente, para que este não seja visto apenas como um produto comum, mas também, como uma recordação que o visitante terá do local. Afinal, os autores comentam a importância do artesanato como um fator do produto turístico:

O visitante deseja comprar lembranças típicas dos locais que ele visita. Assim, colocar à disposição do visitante locais para que ele possa comprar o autêntico artesanato é muito importante, como também é importante possibilitar ao turista o acesso às oficinas de produção artesanal, para que ele acompanhe as técnicas de elaboração do artesanato. (LOURO, 1999, p. 120).

Nessa mesma perspectiva, Campanhola & Graziano (2000, p. 13) determinam o local como ponto primordial para as relações sociais, “É onde os homens estabelecem relações, onde as instituições públicas e locais atuam para regular a sociedade.” O lugar pode determinar diferentes formas de organizações e inovações, proporcionando uma diversidade na matéria prima apresentada ao mercado.

Desta forma, procurando focar o artesanato como produto turístico, produzido pelas artesãs da Microempresa “Fio e Renda” de São Vicente Férrer, é necessário a estruturação de locais adequados para a venda do produto, assim como, maiores condições de comercialização, divulgação e produção. Vem de longa data o conselho de uma das maiores especialistas em planejamento sustentável:

O maior problema da ausência do planejamento em localidades turísticas reside no seu crescimento descontrolado, que gera a descaracterização e a perda da originalidade das destinações que motiva o fluxo dos turistas, e o empreendimento de ações isoladas, esporádicas, eleitorais e desvinculadas de uma visão ampla do fenômeno turístico (RUSCHMANN, 1999, p. 128).

Tenho como objetivo fomentar e promover o turismo a partir do artesanato criado da fibra de bananeira em São Vicente Férrer e, conseqüentemente, terá maior

visibilidade, reconhecimento e retorno financeiro para a comunidade vicentina. Sendo assim, por meio do fluxo turístico haveria a necessidade de uma melhoria na infraestrutura da cidade, o que seria benéfico para ambas as partes, visitantes e moradores, e os mesmos passariam a ser os próprios divulgadores do artesanato, ganhando maior visibilidade.

No censo de comunidade, o compartilhar de experiências individuais que sedimentam o caminho para novas práticas coletivas. Critico a soberania das práticas de produção e consumo e da competitividade como norteadores de um horizonte social. As ações socioculturais podem despertar a consciência de que a responsabilidade pela manutenção e transformação da sociedade não é individual e sim coletiva. (VIGANÓ, 2006, p. 19).

Com este sentimento de pertença destacado pela autora, acredito que as práticas e a produção das mulheres da comunidade podem ganhar mais potência na perspectiva de ampliar os mercados de atuação. Para tanto, faz-se necessário que elaborem e revisitem planos de ação e um planejamento marco, principalmente durante a pandemia na busca por mercados.

Como bem destaca Ruschmann (1997, p. 84), “No turismo cabe ao Estado zelar pelo planejamento e pela legislação necessários ao desenvolvimento da infraestrutura básica que proporcionará o bem-estar da população residente e dos turistas.” Considerando estas afirmações, o planejamento torna-se uma ferramenta indispensável para a obtenção de soluções mais eficientes quanto a problemas futuros, sendo possível até evitá-los.

A migração de Cooperativa para Microempreendedor Individual justifica-se também pela possibilidade de novas conquistas mercadológicas, assim como as articulações em se conseguir acesso aos créditos e programas de apoio às Micro e às Pequenas Empresas. O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE (2015) caracteriza o Microempreendedor como um profissional autônomo que passa a ter CNPJ, obtendo facilidades com a abertura de conta bancária, no pedido de empréstimos e na emissão de notas fiscais.

Ainda de acordo com o SEBRAE (2020), uma cooperativa é “[...]uma organização constituída por membros de determinado grupo econômico ou social que objetiva desempenhar, em benefício comum, determinada atividade.” Na cooperativa

“Fio e Renda”, esse trabalho mútuo nunca aconteceu, pois, os agricultores não contribuíam para a realização do artesanato.

Durante a pandemia, a produção e conseqüentemente as vendas ficaram suspensas, retornando após um ano e de forma gradual. A comercialização demorou porque, naquela época, era baixo o estoque de produtos e poucas pessoas atuando no processo artesanal. Além da ausência de treinamento e capacitação às artesãs para estimular as mais jovens, assim como, disponibilizar seus produtos nas mídias sociais.

6.1 A transição de cooperativa para microempresa

A compreensão desta transição deixou-me confusa, pois como Cooperativa as mulheres possuíam maior poder de barganha, assim como alguns benefícios no coletivo. Mas as artesãs compreendem ser mais benéfica.

6.1.1 O que são as cooperativas?

De acordo com Perius (2001, p. 281), cooperativa é uma forma de organização de empresas e/ou pessoas que por meio de uma ação conjunta tentam resolver uma necessidade. Assim, compreendo que cooperativa é a união de pessoas que visam obter um mesmo objetivo em busca de um bem comum.

6.1.2 O que são microempresas?

Para o SEBRAE (2021), microempresas são aquelas cuja a receita bruta anual é igual ou inferior a R\$ 360.000,00.

6.1.3 Por que a mudança?

Conforme diálogos com as artesãs, elas relataram que o principal motivo para a mudança de cooperativa para MEI foi a possibilidade em conseguirem empréstimos, com menores taxas de juros e outros benefícios permitidos pela Legislação.

7 PROPOSTAS PARA O ARTESANATO COMO PRODUTO TURÍSTICO

7.1 Exposição Virtual

No dia 05/09, o Programa de TV Globo Rural, exibido há 36 anos pela Rede Globo, apresentou matéria sobre leilão virtual de gado. Nele, criadores de várias regiões do Brasil participaram, justamente, porque não houve deslocamento físico, mas transmissão por internet. Na reportagem, mencionaram que o evento virtual “ignora barreiras impostas pela distância” a exemplo das sanitárias, pois no leilão virtual, por exemplo, uma vaca catarinense ao viajar para São Paulo não retorna mais ao estado natal, enquanto no virtual isso não acontece. Para se ter uma ideia de como a iniciativa foi exitosa, basta verificar os números, no ano de 2019, comercializaram 200 animais de 2 estados, enquanto com o leilão virtual foram: 500 vendidos de 9 estados.

Desta forma, inspirada na reportagem, um dos meus objetivos é o de promover uma exposição virtual para que as artesãs possam expor seus produtos artesanais é de grande valia, pois não somente é uma forma de comercialização, mas, também, de reconhecimento e valorização através da divulgação nas mídias sociais. Sendo possível vender sem que seja necessário o deslocamento físico até outras cidades.

Enquanto a virtualidade não é uma realidade, o grande evento dos sonhos da maior parte das artesãs é a FENEARTE – Feira Nacional de Negócios do Artesanato, no Centro de Convenções localizado entre as cidades de Recife-Olinda. Mas integrar o seletivo grupo de expositoras e expositores não custa barato, pois é preciso arcar com hospedagem, alimentação e deslocamento. No meu diário de bordo, registrei um diálogo entre uma das participantes, no ano de 2021. Naquele período de três dias de Feira, a artesã desembolsou R\$ 580,00 com as dimensões acima citadas. Comparando receita e despesa, o lucro registrado: R\$ 700,00.

7.2 O crescimento de eventos virtuais na pandemia

Segundo um levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Executivos de Varejo – IBEVAR, o comércio deverá ter um retorno em relação as vendas nos meses de fevereiro, março e abril. Sendo projetado um crescimento de até 44% nas vendas realizadas em abril.

Em decorrência da pandemia, o setor de eventos sofreu grandes impactos, sendo necessário que as empresas se reinventassem ou trouxessem inovações. Muitas tendo que se adaptar àquele cenário, cheio de desafios e incertezas, ajustando-se às novas tecnologias. Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, a maioria conseguiu se adaptar e descobrir os benefícios que os eventos virtuais podem proporcionar. Nesse sentido, vislumbro as oportunidades a serem exploradas nas redes sociais pelas artesãs.

Figura 1 - Fachada da cooperativa



Fonte: A autora (2017)

A própria fachada da antiga cooperativa não é atrativa, do ponto de vista do Marketing, porque no logotipo o destaque foca no nome e não nos produtos oferecidos aos visitantes/turistas. Para além disso, não existe uma vitrine atraente que chame a atenção do público potencial.

Como mencionei anteriormente, nos capítulos 4 e 5, as artesãs não possuem orientação de como trabalhar as ferramentas de comunicação no universo on-line. Ao migrarem para microempresa não houve mudanças significativas na forma de comercialização, tampouco criação de estratégias com vistas a atrair mais mulheres jovens à prática do artesanato.

Uma das hipóteses desta não adesão pode se relacionar com o fato dessas jovens estarem muito conectadas, ao contrário das mulheres artesãs mais velhas. Nesse sentido, com a minha estratégia de divulgação focada nas mídias sociais, acredito também ser possível a antiga cooperativa e, no ano de 2021, microempresa atrair jovens talentos que poderão manter a tradição, mas de forma ressignificada pela inserção da palha e seus derivados na rede.

Figura 2 - Papel artesanal produzido com a fibra de bananeira



Fonte: A autora (2017)

Após a transformação em microempresa nem a fachada foi substituída até como uma estratégia de comunicação, pois a nomenclatura cooperativa ocupa no imaginário popular local em que não se obtém recursos financeiros à própria sobrevivência.

Figura 3 - Artesãs produzindo tapetes



Fonte: A autora (2022)

Durante uma visita às artesãs, pude observar enquanto estavam produzindo alguns tapetes que seriam comercializados juntamente com outros produtos na XXIII

Festa da Banana em São Vicente Férrer.

Figura 4 - Abajur revestido com a fibra de bananeira



Fonte: A autora (2022)

Figura 5 - Loja onde os produtos ficam expostos



Fonte: A autora (2022)

Apesar de ser uma “loja”, normalmente, ao chegar no ambiente as portas estão fechadas e não é possível visualizar os produtos de imediato. Isso ocorre pelo fato de ser necessário que elas fiquem na produção e, apenas, abrir quando chega algum cliente. Ou seja, uma grande dificuldade, porque sem o atrativo de uma vitrine, fica difícil atrair quem circula nas mediações.

Figura 6 - Espaço Marinês



Fonte: A autora (2022)

Entrada do Espaço Marinês, onde todos os artesãos puderam ficar durante a XXIII Festa da Banana e comercializaram seus produtos.

Figura 7 - Artesã Nery participando da XXIII Festa da Banana



Fonte: A autora (2022)

A artesã Nery ficou responsável para ficar no stand da microempresa Fio e Renda, no domingo pela manhã, todo o trabalho foi revezado entre as mulheres.

Figura 8 - Guirlanda natalina



Fonte: A autora (2022)

Guirlanda natalina produzida a partir da fibra de bananeira, visando a época do Natal elas expuseram alguns produtos voltados à data comemorativa.

Figura 9 - Árvore natalina



Fonte: A autora (2022)

8 TRANÇANDO AS CONSIDERAÇÕES

Durante meu percurso acadêmico, a partir dos conteúdos vivenciados em sala de aula, pude perceber como a minha cidade natal possui grande potencial turístico a ser desenvolvido com a valorização do artesanato feito a partir da palha da bananeira.

Além disso, há o grande diferencial desse produto turístico ser feito por mulheres. O meu estudo buscou, também, destacar a importância do empoderamento e do empreendedorismo femininos na perspectiva da valorização do gênero.

Na pesquisa aplicada conclui que, apesar da importância do artesanato no município, este não é reconhecido e tampouco valorizado. Sendo para a comunidade, na maioria das vezes, invisível, assim como as próprias artesãs. Por isso, confirmei as minhas hipóteses: o desinteresse de jovens mulheres em darem continuidade à profissão e a falta de reconhecimento dos moradores desse trabalho, assim como da arte produzida a partir da bananeira.

Durante a elaboração do TCC, também, constatei a ausência de políticas públicas que possam fomentar o turismo local, tendo no artesanato seu principal atrativo turístico. Daí, buscar envolver a Prefeitura na construção coletiva de estratégias que possam viabilizar o artesanato como produto turístico local, estimular a formação de novas artesãs e empoderar essas “mulheres da palha” frente aos desafios do mundo produtivo e da vida!

REFERÊNCIAS

- ANA, Rosângela Sant’; Ricci, Fábio. **Turismo sustentável**: Enfoque no artesanato local na cidade de Santo Antônio do Pinhal. São Paulo: Vozes, 2008.
- ALÇMEIDA, Celene; MENDES, Jucélia; PIRES, Laísa. **A relação entre o artesanato e o turismo**, 3TUV1.
- BARRETO, Margarida. **Cultura e Turismo**: discussões contemporâneas. (Coleção Turismo) São Paulo: Papirus, 2007.
- BENATTO, Annie Piazza; GÁRCIA, Márcia Dias. **O artesanato como produto turístico no município de Jacarezinho, PR**: Estado de caso no Centro de Capacitação, produção e comercialização de artesanato. CCPC - Arte, SP.
- BENI, Juarez. **Desarrollo y sostenibilidad**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: Limites da democracia no Brasil. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2019.
- CAMPANHOLA, Clayton; GRAZIANO, José da Silva. **Desenvolvimento local e a democratização dos espaços rurais**. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v.17, n.1, p.11-40, jan./abr. 2000.
- DUARTE, Jorge. **Desenvolvimento local**. São Paulo: Scipione, 1998.
- GRAZIANO, José Francisco. **A tragédia da Terra**. São Paulo: Vozes, 1994.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. **Mercado de trabalho**. n. 41. Nov, 2009.
- LEITE, Marcelo Sobral. **Mata do estado, São Vicente Férrer, Pernambuco, Brasil**: Levantamento físico-biótico, socioeconômico e Situação Fundiária. UESPI. Agos, 2011.
- LOURO, Guaciara Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. São Paulo: Vozes, 1999.
- MARUJO, Noémi. **O estudo acadêmico do turismo cultural**. Revista Turismo y Desarrollo local, v. 8, n. 18. Jun., 2015.
- MELO, Rodrigo de Sousa; OLIVEIRA, Vilmar Vasconcelos de; SOUSA, Bruna Rodrigues de. **Produção artesanal associada ao turismo em Ilha Grande de Santa Isabel**. Cultura. Ano 8. n. 2. Jul, 2014.
- PEREIRA, Carlos José da Costa. **O artesanato- definições, evoluções- ação do MTB- PNDA**. Brasília, DF, 1979.
- PERIUS, Vergílio Frederico. **Cooperativismo e lei**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

Programa Globo Rural. Rede Globo de Televisão. VT sobre Exposição Virtual de Gado. Exibido: 05/09

RUSCHMANN, Doris van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente.** Campinas, SP: Papyrus, 1997.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável e economia: meio ambiente e economia.** Série Turismo. Vol. 3. São Paulo: Aleph, 2000.

TATTO, Nito; PACHECO, Kátia; PASSINATO, Raquel. **Artesanato do Quilombo de Ivaporunduva.** São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006.

VELOSO, Marcelo Parreira. **Turismo simples e eficiente.** São Paulo: Rocca, 2003.

VIGANÓ, Suzana. **O empoderamento do gênero.** São Paulo: Hucitec, 2006.

www.sebraesp.com.br/arquivos_site/biblioteca/guias_cartilhas/turismo_entendendo_o_atrativo_turistico.pdf. Acesso em: 13/06/2020.

<https://bis.sebrae.com.br/bis/> Acesso em: 13/06/2020.

<http://inventariope.blogspot.com/2017/10/sao-vicente-ferrer-ficha-do-municipio.html>. Acesso em: 26/04/2021.

<https://artesanato.culturamix.com/curiosidades/qual-e-a-origem-do-artesanato-historia-do-artesanato-no-brasil>. Acesso em: 27/04/2021.

<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/a-mulher-mercado-trabalho.htm>. Acesso em: 10/05/2021.

<https://demografiaufrn.net/2020/07/16/afazeres-domesticos-antes-e-depois/>. Acesso em: 03/06/2021.

<https://baudoturismo.com/2017/09/14/conheca-os-conceitos-do-turismo/>. Acesso em: 03/06/2021.

<https://www.youtube.com/watch?v=Bz3Bx1-FMqE>. Acesso em: 03/05/2021.

<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/8485348/indicacoes-para-a-cultura-da-banana-em-pernambuco>. Acesso em: 18/08/2021.

<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2021/09/05/populacao-rural-usa-a-internet-para-tirar-duvidas-e-participar-de-eventos-durante-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 09/10/2021.

<https://www.gazetadopovo.com.br/bomgourmet/mercado-e-setor/artigo-mercado-eventos-digitais-pandemia/>. Acesso em: 09/10/2021.

https://www.cidadesdomeubrasil.com.br/pe/sao_vicente_ferrer. Acesso em: 28/02/2022.

<https://www.pe.gov.br/portal-governo-pe/blog/121-blog/turismope/499-setur-pe-e-empetur-lancam-acoes-para-fortalecer-os-segmento-de-aventura-e-turismo-criativo-em-pernambuco>. Acesso em: 13/05/2022.

<http://saovicenteferrer.pe.gov.br/site/brasao/>. Acesso em: 29/11/2022.

https://www.pecontracoronavirus.pe.gov.br/wp-content/uploads/2022/11/17-11-22_boletim-covid-19_comunicacao-ses-pe_ok.pdf. Acesso em: 29/11/2022.

<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/01/06/pernambuco-confirma-31-casos-de-coinfeccao-da-covid-19-e-influenza.ghtml>. Acesso em: 29/11/2022.

APÊNDICE A – PESQUISA APLICADA AOS MORADORES DO MUNICÍPIO DE SÃO VICENTE FÉRRER

Olá, sou estudante do curso Tecnológico em Turismo do IFPE, Campus Recife, Dionêze Santos. Esta é uma pesquisa de campo (virtual) que integra meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC. Peço um pouco do seu tempo para que possa me ajudar respondendo ao questionário abaixo. Desde já, agradeço!

1. Você mora em São Vicente Férrer?

- () Sim
- () Não
- () Outros

2. Qual sua faixa etária?

- () Acima de 15 anos
- () De 20 a 30 anos
- () De 30 a 40 anos
- () De 40 a 50 anos
- () Acima de 50 anos

3. Qual sua escolaridade?

- () Ensino fundamental (antigo 1º grau)
- () Ensino Médio (antigo 2º grau)
- () Ensino Superior Incompleto
- () Ensino Superior Completo
- () Pós-Graduação

4. Identidade de gênero

- Mulher cis e/ou trans
- Homem cis e/ou trans
- Travesti
- Não-binária
- Outra identidade

5. Você conhece a Microempresa Fio e Renda?

- Sim
- Não

6. Se sim, quantas vezes já visitou?

- De 1 a 3 vezes
- De 4 a 6 vezes
- De 7 a 10 vezes
- Mais de 10 vezes
- Nunca visitei

7. Se não, qual o motivo?

- Falta de divulgação
- Preços altos
- Preços baixos (não deve ser bom)
- Não Gosto de artesanato
- A localização
- Outros

8. Você conhece alguma artesã que trabalha com a fibra de bananeira?

- Sim
- Não

9. Você tem interesse em conhecer o artesanato produzido através da fibra de bananeira?

- () Sim
- () Não
- () Talvez
- () Já conheço

10. Você sente falta de um calendário de eventos em São Vicente Férrer?

- () Sim
- () Não

APÊNDICE B – TERMO DE USO DE IMAGEM PARA FINS ACADÊMICOS

Por meio do presente instrumento, (nome), brasileira, (estado civil), artesã, inscrita no CPF sob o nº (XXXXXX) e no RG nº (XXXXXX), residente e domiciliada à (rua), nº (informar) - (bairro), na cidade de São Vicente Férrer - Pernambuco, autorizo a estudante do Instituto Federal de Pernambuco – IFPE, Dionêze Santos, a utilizar minha imagem em seu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: “O artesanato como patrimônio turístico e cultural: valorização e desenvolvimento econômico na cidade pernambucana de São Vicente Férrer”, assim como em outras peças de divulgação do referido estudo.

Assinatura da cedente da imagem